

Assemb- Constituinte precisa de mais presença da mulher

Três militantes políticas e candidatas em 15 de novembro dizem o que esperam das eleições

MARLENE DOS SANTOS
Da Sucursal

São Paulo — Três mães de São Paulo, duas das quais até já são avós. O que têm de especial estas mães ou o que elas têm em comum? São três militantes da política. Todas muito cedo, sentiram na pele a influência e as implicações da militância política de membros da família. Em determinada fase da vida, todas se retiraram e foram cuidar de seus filhos. Agora, as três fazem parte do agito político de São Paulo e, o mais importante, todas trabalham, cada uma a seu modo, cada uma dentro de sua ideologia para que na Constituinte estejam representadas todas as aspirações do povo brasileiro.

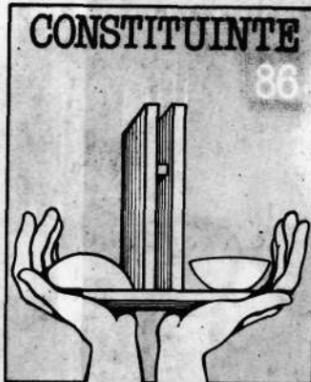
A cientista Naidés Cerqueira e Silva Alves de Lima, 56 anos, três filhos, três netos, professora de Química, autora de livros sobre método de ensino científico, fomos encontrar no litoral norte de São Paulo, onde trabalha na criação de diretórios e núcleos do Partido Comunista do Brasil, o PC do B.

Dirce Quadros, 42 anos dos quais 17 morando fora do Brasil, filha do ex-presidente e atual prefeito Jânio Quadros, seis filhos, candidata a uma vaga na Constituinte pelo Partido Social Cristão, encontramos no restaurante de um hotel na Avenida São João, centro de São Paulo, onde ela mora desde que se lançou candidata.

Maria Helena Gregori, 49 anos, três filhas, neta de republicanos e monarquistas, que aos oito anos de idade já fazia boca de urna para o brigadeiro Eduardo Gomes, encontramos durante um almoço a base de sanduiche no velho Largo São Francisco, onde ela conheceu José Gregori, com quem viria a se casar mais tarde e que hoje é deputado estadual pelo PMDB. Ligada à Igreja — José Gregori foi presidente da Comissão de Justiça e Paz —, Maria Helena entrou para o então MDB junto com o marido, e hoje ela é uma das mais conhecidas e respeitadas militantes de seu partido.

COM A VIDA

Para a professora Naidés, a militância veio naturalmente, com a vida. Dirigente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de Salvador, delegada da UNE, membro da JUC - Juventude Universitária Católica, da JEC - Juventude Estudantil Católica, atualmente membro da comissão provisória de formação de diretórios do PC do B, membro do Conselho de Representantes da Apeesp desde 1978 e membro fundador da União de Mulheres de São Paulo, ela acha que dois fatos foram determinantes em sua infância: uma fogueira de livros supostamente subversivos de propriedade de seu pai, o médico Esmeraldo Cerqueira e Silva e um atentado contra um tio. Tudo em função do coronelismo. "Meu pai era amigo de um homem tido como comunista e por isso foi perseguido. Isso em 1934, em pleno Estado Novo. Imagine que da fogueira de livros salvamos "Deus lhe pa-



gue", de Joracy Camargo, que até hoje a família guarda, todo chamuscado pelo fogo. Aquela situação para mim foi a semente do desejo de justiça, coisa que herdei de meu pai".

Como fica para esta comunista duas questões delicadas — Deus e aborto legalizado? A ideia de Deus, segundo ela, "é uma questão muito pessoal, muito interior. Cada um pensa e sente de um jeito. Ela está muito incorporada, desde a infância nos primeiros anos de educação. Mesmo quando a razão ou ciência nos leva a avançar para outras ideias não se consegue proclamar 'Deus morreu', como Nietzsche. Não considero pessoalmente esta colocação de Deus muito importante. Acho que é na prática que o que a gente pensa assume algum valor. E a prática que separa as pessoas. E a prática a verdade final".

ABORTO LEGALIZADO

Quando ao aborto, as três mães apóiam sua legalização para que as mulheres possam ter assistência médica adequada. A professora Naidés adverte para que a legalização não seja confundida com controle de natalidade através do aborto. Ela considera hipócrita a proibição do aborto já que quatro milhões de mulheres o praticam anualmente, ficando a diferença por conta do poder aquisitivo — as mulheres ricas dispõem de assistência médica e as pobres são abandonadas à própria sorte. Dirce Quadros considera o aborto uma violência contra o corpo da mulher e acha que somente com educação o problema será resolvido. E a favor da legalização e acha que o Estado não tem direito de interferir numa decisão de caráter tão pessoal e no direito da mulher sobre o seu próprio corpo. Maria Helena, católica praticante, diz que não se sente ca-

pacitada para discutir este assunto com outra visão que não seja a sua. Como é contra que se mate qualquer pessoa, é contra que se mate um feto, ela sustenta. Mas ressalva que a situação como está não pode continuar, pois todos sabem que milhares de mulheres estão sendo tratadas de maneira pavorosa em locais onde se praticam abortos clandestinos. Também considera que o governo não pode decidir por ninguém uma questão tão pessoal.

Militância, Deus, legalização do aborto e o movimento feminista, como são encarados por estas mulheres, que já derrubaram tabus?

"Mulher é mulher. Homem é homem", é assim que Dirce Quadros vê o panorama e encerra a questão: "Não quero me envolver em movimentos feministas". A professora Naidés não vê muita diferença entre movimento de mulheres e de homens, no que diz respeito às suas principais reivindicações — trabalho e liberdade. Mas a mulher, ela ressalva, além de sofrer uma dominação de classe como o homem, é explorada ainda mais como trabalhadora. Mesmo sob o socialismo, a libertação da mulher no campo ideológico é mais demorada. Ela acredita que só na fase final do socialismo e no comunismo será completa a libertação da mulher. Já Maria Helena diz que acha válido o trabalho das feministas, mas não é o seu trabalho, sua opção. Ela considera, por exemplo, a existência de departamento feminino dentro de partido um fato que rebaixa a mulher.

PAPEL DA IGREJA

Para a professora Naidés, mesmo avançando a Igreja está muito atrasada em relação aos tempos e procura manter sua influência pelas renovações como a Teologia da Libertação. Mas, pessoalmente, ela acha que a fé só pode libertar quem já é liberto. O que fica nas cabeças da maioria é o conformismo. "Nossa luta não é agora, a felicidade virá depois, etc. Este é o ideário perfeito para uma sociedade onde uma classe precisa manter sua dominação sobre outra". O saldo é negativo e arremata: "Quando se tem 56 anos como eu, não se pode perder tempo com ideias conformistas". Foi com tristeza que Naidés, que é contrária a qualquer tipo de censura, viu a proibição do filme "Je Vous, Salve Marie", de Godard, e da música

Fotos: JOAO BITTAR/ANGULAR



Maria H. Gregori

"A Constituinte é o mais importante momento que a nossa geração pode passar. É o momento de repensar o Brasil, de fazer um Brasil novo"



Dirce Quadros

"Os congressistas são representantes do povo e a maioria do povo é mulher. Então, a mulher deve ter mais cadeiras. Essa é uma aspiração bastante justa"

"Merda", de Caetano Veloso. Ela acha que estão usando a censura também para a coação ideológica. Para Maria Helena, a posição da Igreja foi fundamental nos anos da ditadura. Num país onde ninguém levantava a cabeça, todo mundo tinha medo, a Igreja era uma verdadeira clareira na selva. Para ela, a Igreja deve ser engajada com o povo, com as questões sociais. Partido político é uma coisa, Igreja é outra. A Igreja está acima dessas questões. Maria Helena, não vê sua instrumentalização. Quanto à censura do filme de Godard, ela avalia que deu mais publicidade ao filme do que devia, e que a Igreja não devia ter entrado nessa. Foi um engano. Para Dirce Quadros, a Igreja deveria se limitar a problemas religiosos, ela está muito politizada. "Acho que está existindo um abuso de privilégios. Ou ela tem liderança religiosa ou tem liderança política. Quando ela usa o político está usando privilégios religiosos. Quanto à cen-

sura do filme de Godard, achei ridícula. Nunca perdi um filme desse cineasta, mas este não me interessou. Porém, o governo não pode proibir quem quiser ver. Voltamos novamente para a questão da democracia".

APOIO AO PACOTE

Como milhões de outros brasileiros, as militantes brigam diariamente com os problemas causados pela inflação e pela alta de preços. E como todos nós, elas também estão de olho na atuação do presidente Sarney e na eficiência do Plano de Estabilização Econômica.

Para Naidés, o pacote econômico atende a população pelo congelamento de preços e aluguéis, mas continua mantendo o combate à inflação pelo sacrifício do povo que vive de salários. Para ela, o combate à inflação deve ser feito com o sacrifício dos ricos, taxando os lucros, com impostos progressivos e com leis contra lucros abusivos. O Presidente está à frente de um governo de feição democrática, porém, com estrutura conservadora. Ela explica: "Veja você que ainda se mantém o SNI e todo o aparato de leis da ditadura praticamente intactos. A popularidade do Sarney representada na opinião de 92 por cento dos brasileiros é porque ele atendeu um dos mais sentidos anseios do povo, que é o congelamento de preços". Para Dirce Quadros, o presidente Sarney teve um ato de coragem ao implantar o pacote econômico. Ela é a favor do pacote e diz que gostaria de dar todo apoio ao Presidente e torce para que tudo dê certo.

"O pacote é uma das melhores coisas que aconteceu no País, depois da luta pelas diretas e a eleição de Tancredo Neves". A opinião é de Maria Helena Gregori. Com o pacote, "começamos a acreditar neste Brasil novo. A importância dele não é só econômica. Ele mostrou que temos direitos e deveres, direito de reclamar, de verificar, dever de ajudar o governo a fiscalizar. Este pacote trouxe de volta o sentimento de cidadania. Acho que deveria ser feito a mesma coisa com a Constituinte. Quanto ao presidente Sarney, foi fundamental a vinda dele para o PMDB, para a gente conseguir mudar o País, sem uma gota de sangue derramado. Hoje, o presidente Sarney é um peemedebista no sentido amplo da palavra, peemedebista que quer mudança, e ele começou a mudar. Este reconhecimento todo povo brasileiro tem que ter por ele".

NOVA CONSTITUIÇÃO

As propostas a serem incluídas na Constituinte, defendidas pelo PC do B, são as mesmas lembradas pela professora Naidés. Entre elas estão a suspensão dos pagamentos da dívida externa e seus juros, a implantação do plano nacional de reforma agrária, o fim das leis autoritárias, contra a privatização dos estatais necessárias ao desenvolvimento do País, redução da jornada de trabalho e liberdade sindical entre outras. Ela considera que fundamental será a união de todo o povo em torno do programa, pois ele deve conter as questões básicas para a maioria da Nação. No

que diz respeito à mulher, Naidés diz que "devido a condição de opressão tão gritante, será necessário um capítulo especial para que fiquem bem claros todos os direitos, aqueles já conquistados e outros novos, principalmente para a mulher operária, a trabalhadora rural e para as mulheres dos segmentos populares. Mas o mais importante é o empenho que devemos ter para mobilizar as mulheres e esclarecê-las sobre seus direitos. Tão importante quanto participar na eleição dos constituintes será exigir a adoção dos dispositivos concordantes com as aspirações das mulheres".

Para Maria Helena Gregori, a Constituinte é o mais importante momento que toda nossa geração pode passar. E o momento mais oportuno para repensar o Brasil, de fazer um Brasil novo. O principal, ela diz, não é a forma Assembleia Nacional Constituinte ou Congresso Constituinte. O fundamental é o conteúdo, é todo cidadão perceber quanto a Constituição é importante para sua vida. Participar da Constituinte não é só votar. É discutir, saber o que quer que conste e ao mesmo tempo ter uma visão da importância disso na vida de todos nós. Do ponto de vista da mulher, ela espera que a Constituinte a coloque no papel que a ela cabe, ou seja, estar absolutamente ao lado do homem, com todos os direitos. E considera uma vergonha que na nossa Constituição as mulheres sejam classificadas como cidadãs de 2ª ou 3ª classe. Para Maria Helena, não só as mulheres eleitas para a Constituinte, como também os homens, devem pensar muito nisso.

A candidata Dirce Quadros espera um número maior de mulheres na representação feminina na Constituinte. Para ela não existe nenhuma razão para o Congresso ser em mais de 90 por cento masculino. Os congressistas são representantes do povo e a maioria do povo é composta por mulheres. Então, a mulher ter mais cadeiras no Congresso é uma aspiração justa. Mas esta candidata tem outras preocupações, no mínimo polêmicas. Uma delas é quanto a carga horária dos parlamentares. Ela não entende porque os representantes do povo trabalham apenas um dia por semana, não respeitam o regimento interno e, têm quatro meses de férias por ano. A primeira coisa que Dirce Quadros gostaria de revogar quando ocupar sua cadeira no Congresso, é a imunidade parlamentar. "O Congresso Nacional, ela diz, está virando um 'piques' de brincadeira de pegador. Por exemplo, dizem que o Mário Garnero será candidato a deputado federal pelo PDS; e que o ex-ministro Delfim que está respondendo pela Coroa-Brastel e polonetas também será candidato; o general Newton Cruz também está a procura de uma cadeira na Constituinte. Todos que se envolveram em problemas estão à procura de imunidades. Eu acho a imunidade um insulto ao povo brasileiro, pois vou entrar para acabar com ela".